

## Editorial

Discursos sobre alimentação têm conquistado cada vez mais espaço entre as questões que merecem estudo aprofundado tanto do ponto de vista sociológico quanto do antropológico. De 2002 para cá, uma enorme quantidade de livros acerca da alimentação vem sendo publicada no mundo; grande parte refere-se a hábitos alimentares e a teorias sobre o que comíamos e o que devemos ou não comer.

Dada a diversidade de dietas e “filosofias alimentares” existentes no mundo, determinar o que comer parece ter se tornado uma questão menos médico-sanitária e mais social e antropológica. Nesse sentido, podemos inferir que as questões alimentares têm refletido questões religiosas. Se até a Idade Média o pensamento religioso não deixava dúvidas sobre como se comportar diante de aspectos da vida, também não deixava dúvidas a respeito do que comer. Porém, a mudança de pensamento na Idade Moderna trouxe uma nova visão sobre a religião e, conseqüentemente, sobre tudo o que ela regulava, incluindo a alimentação. Desde então, pensamentos religiosos e não religiosos diferentes têm se multiplicado, assim como as visões sobre a alimentação e as regras de condutas alimentares, como tivesse havido, também, um certo “desencantamento” da alimentação.

Os estudos sistemáticos a respeito de religião e comida são recentes, mas a relação é antiga. Foi a religião, através dos mitos, que primeiro explicou a origem dos alimentos, os fenômenos naturais que favoreciam ou prejudicavam a produção dos mesmos e até a escassez e a fome. Quando estudamos as religiões antigas, nos deparamos de forma mais evidente com a centralidade das questões alimentares nas religiões. Essa centralidade está presente na forma de cultos e deuses agrários, nas práticas de oferendas e sacrifícios para garantir a fertilidade da terra e a colheita abundante, bem como nas práticas de oferendas de alimentos aos mortos, como demonstra o artigo da doutoranda Cintia Alfieri Gama Rolland a respeito da produção de alimentos no Além, segundo a crença religiosa no Egito Antigo. O artigo refere-se aos destinos pós-morte, o medo da *morte após a morte* e a importância dos alimentos neste contexto. Fica evidente nesse estudo que há uma imagem de “paraíso” desejado após a morte e que este paraíso significa, em grande parte, não ter problemas para se obter alimentos - “campos sem praga e com abundância, fertilidade”. O alimento aqui funciona como veículo-representação: “a vontade de continuar a viver é demonstrada pelo desejo de continuar a comer”.

A relação entre religião e comida na Antiguidade não se faz apenas pelo aspecto da capacidade de representação dos alimentos e das condutas alimentares, mas também pelo papel que certos alimentos considerados importantes podiam desempenhar em termos rituais. Muitas religiões tinham e ainda têm em alimentos específicos, elementos rituais indispensáveis, como demonstra o artigo da antropóloga

Elena Mazzetto e da arqueóloga Natalia Moragas a respeito do uso litúrgico do *Octli*, bebida ritual usada entre os antigos Nahua. O *Octli*, assim como tantas outras bebidas e alimentos em diversas religiões do mundo, marcava os contextos sacrificiais e celebrações festivas de cunho religioso. O consumo de tal bebida encontrava-se previsto num calendário religioso, assim como o consumo de outros produtos, em outros períodos do mesmo calendário. Nesse artigo, as autoras citam outros destes exemplos entre os Nahua, demonstrando a estreita relação entre religião e comida em tal cultura. Não é incomum encontrar em quase todas as culturas da Antiguidade um calendário litúrgico que contemple os alimentos mais importantes.

Se havia calendários, momentos e regras específicas para alimentação em diversas culturas, podemos presumir que regras alimentares podem ser eficientes formas de controle social. Quebrar padrões alimentares preestabelecidos podia ser entendido em algumas culturas como sinal de subversão. É o que demonstra o artigo *Minimalismo Estratégico através da comida e da música nos conventos do início da Idade Moderna* da Doutora em História Gioia Filocamo. Segundo a pesquisa de Filocamo, da Idade Média ao início da Idade Moderna, mulheres da Itália católica tinham seus comportamentos controlados e reprimidos. Era pressuposto que a alimentação das mulheres fosse decidida em conjunto com o pai ou o marido. Entretanto, algumas mulheres desafiaram esse controle através de jejuns extremos inspiradas em grandes líderes da Igreja. Pelo jejum, mudaram seus destinos, do casamento arranjado à vida nos conventos. Seu severo jejum constituiu uma forma discreta e quase inquestionável de protesto, uma vez que tal prática era comum e exaltada na Igreja. Além do caso do jejum, Filocamo cita algumas das primeiras coletâneas de receitas escritas por algumas raras mulheres. Regular receitas era também uma tarefa importante, pois implicava um padrão moral a ser seguido: autocontrole, comedimento - "no paraíso não há bagunça", portanto, na cozinha também não poderia haver.

Ao abordar o assunto religião e comida, não poderíamos deixar de apresentar um artigo sobre a alimentação judaica. Ao longo da História, o Judaísmo tem sido associado a uma forma de alimentação diferente, no sentido de que, muitas vezes, reconhece-se uma comunidade ou um membro do Judaísmo pela sua forma de alimentação. Neste sentido, a pesquisa sobre a comida nessa religião nos fornece muitos elementos para o estudo da identidade religiosa, ou até mesmo, simplesmente, da identidade representada na comida. É o que aborda a doutora pela Universidade de Israel, Paulette Schuster. Schuster discute comida kasher e comida judaica. Diferenciando esses dois conceitos, Schuster evidencia o caráter identitário da comida

judaica, por vezes até mesmo estereotipado. Tem como foco judeus do México, entretanto realiza a pesquisa também com não judeus de Israel, a fim de obter a imagem da comida judaica dentro e fora da comunidade.

Por fim, trazemos a discussão do professor Graham Harvey sobre relação entre comida e religião nos dias atuais. Por vezes, podemos ter a impressão de que a religião não permeia, em nossos dias, as questões alimentares, mas, conforme o texto Harvey, ainda que a religião emergja sob formas diferentes, é um filtro para as atividades mais cotidianas, entre elas o comer. Harvey discute principalmente questões envolvendo vegetarianismo e chama atenção para o fato de que todo o ato de comer envolve algum tipo de violência e a morte de outro ser, mesmo que seja um ser não humano (*other than human*), incluindo, nesta relação, os vegetais. Ele explica, portanto, que nossas escolhas alimentares são relacionais e sempre permeadas por algum tipo de crença de alguma sorte religiosa. Harvey é um dos maiores defensores de que se pode ensinar religião através do estudo de hábitos e escolhas alimentares.

De fato, o estudo da alimentação nas religiões pode constituir uma grande ferramenta para a Ciência da Religião, uma vez que – a menos no contexto da correria “secularizada” de todos os dias – não comemos qualquer coisa, de qualquer maneira ou com qualquer pessoa. O comportamento alimentar, dentro e fora da religião, pode fornecer indícios históricos, sociais e culturais de grande complexidade. Esperamos que a presente edição possa conduzir o leitor a mais um recurso para estudo das religiões.

Bom Apetite.

*Patrícia Rodrigues de Souza*<sup>1</sup>  
e *Frank Usarski*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Gastronomia da FMU, mestre em Ciências da Religião pela PUC SP, e-mail: patsouz@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Livre-Docente no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP.